

CORPO FAMILIAR E A DIVERSIDADE CULTURAL NO BRASIL: REPERCUSSÕES NO *SETTING*

Maria Inês ASSUMPTÃO FERNANDES¹

Resumo: O Brasil tem suas raízes marcadas por processos migratórios desde o início de sua colonização. As culturas de europeus, dos nativos indígenas e negros da África, durante o período escravagista, deram origem ao povo brasileiro, sendo a miscigenação intrínseca à identidade nacional. O país recebe continuamente diversos fluxos migratórios, potencializados pelas redes sociais. Este trabalho discutirá a especificidade cultural dessa formação e os problemas nela implicados destacando aspectos da imigração boliviana em SP, dos pontos de vista a) psicossocial, na diversidade de composições familiares (modos de vida, língua, etc); b) psíquico, o impacto sobre o corpo familiar e a filiação; c) clínico, a transformação do *setting*.

Palavras-Chave: Migração; Família; Grupo Social; *Setting*.

Résumé : Le Brésil a ses racines marquées par des processus de migration depuis le début de sa colonisation. Les cultures des européens, la population indigène et les noirs d'Afrique ont donné naissance au peuple brésilien ; le métissage est donc intrinsèque à l'identité nationale. Le pays reçoit en permanence de nombreux flux migratoires, intensifiés par l'existence des réseaux sociaux. Le travail traite de la spécificité culturelle de cette formation et des problèmes qui en découlent, en soulignant certains aspects de l'immigration bolivienne à SP, sous l'angle : a) psychosocial, l'influence sur la diversité des compositions familiales (modes de vivre, langue, etc) ; b) psychique, l'impact sur le corps familial et la filiation; c) clinique, la transformation du cadre.

Mots-Clés : Migration ; Famille ; Groupe Social ; Cadre.

I- INTRODUÇÃO

O Brasil tem suas raízes marcadas por processos migratórios desde o início de sua colonização. As culturas de brancos europeus, de nativos indígenas e de negros da África, durante o período escravagista, deram origem ao povo brasileiro, sendo a miscigenação intrínseca à identidade nacional. O país recebe, continuamente, em diferentes momentos históricos, diversos fluxos migratórios, atualmente, potencializados pela existência de redes sociais. Há que considerar, também, devido à extensão do território brasileiro, a migração interna entre diferentes regiões do país.

Com especial atenção à cidade de São Paulo, este trabalho discutirá a especificidade cultural dessa formação e os problemas nela implicados, abordando: a) do ponto de vista psicossocial, sua influência na diversidade de composições familiares (modos de vida, língua, escola, moradia, trabalho, etc); b) do ponto de vista psíquico, seu impacto sobre o corpo singular e familiar² (adições, transtornos de ansiedade / psicossomáticos, distúrbios narcísicos, etc); c) do ponto de vista clínico, a exigência de transformação do *setting*. Trabalhamos com a hipótese de que a perda das marcas culturais de origem, formações

¹ Professora Titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Autora do livro *Negatividade e Vínculo. mestiçagem como Ideologia*. SP, Ed. Casa do Psicólogo, 2005. Organizadora de inúmeros livros, dentre os quais, *Psicanálise de Casal e Família. Desafios Clínicos e Ampliações Teóricas*, SP, Ed. Escuta, 2018.

² Trabalha-se com a noção de corpo familiar como metáfora de grupo familiar expresso por um conjunto restrito de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e espaço e articuladas por mútua representação interna.

intermediárias fundamentais na constituição do aparelho psíquico grupal familiar implicaria uma fragilidade no processo de metabolização das experiências vinculares transmitidas transgeracionalmente. Quais são as questões às quais nós somos convocados nessa tarefa?

Entre a memória e o apagamento do passado são construídos os modos de viver de um povo e suas estratégias de sobrevivência e de pertencimento. Indagamos como se organizam os mecanismos de transmissão numa cultura, discutindo a imigração boliviana em São Paulo, tomando-a na sua especificidade e como metáfora de questões contundentes num processo migratório.

Sabemos, atualmente, que o que se transmite e que deixa traços numa cultura não são somente os valores, os ideais, os interditos; sabe-se que o que se transmite na transubjetividade, ou seja, o que é transportado, através do tempo, pelos sujeitos de uma cultura, de uma sociedade é, também, o que foi marcado como fracasso, o que falha, o que não recebeu inscrição suscetível de ser incluída no registro das representações, no registro simbólico; aquilo que não recebeu inscrição, que foi negado, deixando o vazio como inscrição. No mundo globalizado, nossas marcas de identificação são abaladas. As falhas na segurança do ambiente promovem uma experiência geradora de angústia já que a perda do código comum, que se manifesta na língua e nos modos de viver, renova os conflitos entre as tendências de amor e de ligação e as tendências de ódio e de desligamento.

II-ALGUNS ASPECTOS DA IMIGRAÇÃO BOLIVIANA

Estudos recentes, anteriores à pandemia do Covid -19, mostravam que o índice de crianças que frequentam as escolas públicas na cidade de São Paulo cresceu mais de mil por cento. Tal fato mostra a intensa imigração e revela questões sociais decorrentes, como a exploração do trabalho e as dificuldades de alojamento e de moradia. Os imigrantes da Bolívia encabeçam a lista. Há mais de 10 anos calculava-se a entrada no Brasil de 4000 bolivianos, a cada mês, pelo censo de 2009, e a cidade de São Paulo concentra a maioria.

Sabemos que os processos migratórios são potencializados pela existência das redes sociais; estas são uma forma específica *capital social* que faz a conversão da migração internacional uma estratégia atrativa para a diversificação de riscos ou para maximizar possíveis benefícios (Massey,1998, p.43).

Essas redes facilitam a migração, já que servem de apoio para encontrar trabalho e moradia. Todavia a ordenação de fluxos supõe, também, outros fatores, como a conjuntura econômica, as políticas migratórias, além das decisões pessoais marcadas pela história familiar e social.

No caso da Bolívia, levamos em conta a existência de uma cultura migratória forjada desde a época pré-hispânica devido à constante mobilidade que a população exercia em função da busca de recursos (Massey,1998). Há, entre os bolivianos, uma tradição de mobilidade interna e internacional que imprime um *traço migrante* à sua cultura. Estimase que 16% de sua população emigre para diferentes países, principalmente, para os Estados Unidos, Argentina e Brasil e, em tempos anteriores, também para a Espanha.

Segundo os estudos de Moskovic e Corral (2012):

Apesar de que se tenha intensificado com a crise de 2008, deve-se ter em conta que a imigração de bolivianos ao Brasil, sobretudo para a cidade de São Paulo, era notável desde o final da década de 1980, quando começou uma forte demanda de mão de obra subcontratada no setor de costura (Moskovic e Corral, 2012, p.59).

Assim a migração para o Brasil estava e continua ligada às oficinas de costura, que ofereciam e ainda o fazem, produtos a preços mais baixos que o resto do mercado. Dessa forma, os próprios bolivianos se utilizam das redes de contato para contratar seus compatriotas. “Em todo país, o setor de indústria de transformação – no qual se inserem as oficinas de costura – absorve 50,75% dos imigrantes bolivianos” (OIM, 2009). Trata-se, portanto, de uma migração fortemente baseada nas redes sociais, estabelecidas entre os bolivianos já imigrados e os que pretendem emigrar. Assim, mesmo antes da década de noventa, os bolivianos já eram o principal grupo de migrantes latinos e os mais numerosos, sendo seguidos pelos peruanos.

Há estimativas que mostram, além disso, uma alta taxa de migrações ilegais dificilmente detectadas, pois muitos se encontram enclausurados nas oficinas. Uma situação complexa, pois os contratos de trabalho estão também sob controle de seus parceiros conterrâneos. Somente na última década, com a transformação da legislação sobre migração, que recebeu uma atenção especial na agenda política brasileira, com a proposta de criação do estatuto do estrangeiro, essa situação se modificou.

Desde os anos 80, já foram constituídas quatro anistias, e os bolivianos foram o maior grupo a se beneficiar; sendo que elas se deram, especialmente pela abordagem e pelo esforço dos meios de comunicação e das organizações de direitos humanos, que começaram a denunciar as condições de trabalho degradantes nas oficinas de costura. Outro fator, para além da anistia e da crise nos países europeus, facilitou a entrada de bolivianos no Brasil: os acordos assinados nos últimos anos no Mercosul, pelos quais é estabelecida a livre circulação de pessoas e a igualdade de direitos e condições de trabalho com os brasileiros.

A pesquisa mostra que, nas áreas de concentração de bolivianos, em São Paulo, quase todos os entrevistados indicaram ter encontrado compatriotas tendo estado na Espanha anteriormente, com planos de vir para o Brasil. Histórias como as de Guillermo, que se prepara para se mudar para o Brasil depois de regressar à Bolívia, após uma estada de oito anos na Espanha, indicam que existe uma tendência crescente entre aqueles que são forçados a regressar ao país de origem, mas não querem terminar a sua viagem migratória. “É difícil para nós regressar à Bolívia, porque lá não há trabalho. Ouvi dizer que há muitas possibilidades no Brasil neste momento, por isso parece uma boa escolha” (Moskovic e Corral, 2012, p.61).

Do ponto de vista das questões familiares, as situações são múltiplas: em qualquer caso, tão diversas e heterogêneas como a sociedade boliviana; esta é formada por uma variedade de sistemas familiares complexos e características específicas. Além disso, a investigação mostra, com base numa análise da situação psicossocial e educativa das crianças e adolescentes, cujos pais migraram para diferentes países, que eles assumem a família transnacional em virtude dos laços permanentes que os pais têm com os seus

familiares no país de origem. Consideram que "isso é possível porque consideraram a migração ser uma estratégia apropriada para permanecer na família" (Hinojosa, 2009, p.6).

A pesquisa indica que os fluxos migratórios podem, na realidade, formar uma espécie de família transnacional, que não rompe necessariamente com os modelos familiares hegemônicos, apesar da mudança de muitas das suas práticas quotidianas (viver longe/casamento, negociação de papéis e relações de poder entre marido e mulher, fidelidade, etc.); a investigação revela que existe aquilo a que se chama de *recriação de espaços transnacionais de identidade boliviana*: há sempre alguém à espera da chegada do outro.

II- MIGRAÇÃO E SOFRIMENTO

Segundo Puget (1989):

A inclusão social é imposta, forçada, inclui o indivíduo na história que o precede e que permanecerá; tem uma qualidade inconsciente e transforma o sujeito num emissor e ator de uma organização social na qual ele é um sujeito ativo e objeto passivo. Ela definirá um código ligado à sua adesão à estrutura social (Puget, 1989, p.31).

A realidade social é a que nos fala de todos os homens num determinado contexto: mas o que foi transmitido e o que nos foi impedido na transmissão, isto é, transmitido como uma falha e que nos mantém na ignorância?

Em uma passagem sobre a análise de um grupo de imigração, Kaës (1998) trabalhará sobre a língua e a confusão das línguas. Para isso, ele evoca um dos mitos sobre a origem das línguas.

Deus disse aos povos quando lhes deu uma língua: aos egípcios falareis egípcio; aos gregos falareis grego; aos franceses falareis francês; aos alemães falareis alemão; mas aos bárbaros, que vivem no sul do Egito, no Sudão, ele disse: falai o que quiserdes (Kaës, 1998, p.63).

Neste texto Kaës afirma que a língua é uma unidade cultural de pertencimento a um código comum; a confusão delas assinala o desaparecimento da unidade e testemunha o abandono de Deus. Nesse caso, a garantia dos laços sociais só pode ser mantida de forma violenta.

Para o autor, a civilização é construída, simultaneamente, a partir de seu interior e do exterior. Considera a cultura, em nível interno, como o conjunto de dispositivos de representações simbólicas (em seus aspectos espiritual e gerador do símbolo) que geram as condições para a criação de significado e de identidade, organizadores da permanência de um grupo humano, do seu processo de transmissão e de transformação. Esse conjunto implica, necessariamente, um dispositivo de autorrepresentação que supõe a representação daquilo que ela não é, do que lhe é estranho, ou do que lhe é imputável do exterior. Assim, podemos pensar que a civilização também é construída, a partir do

exterior pelo efeito, exercido sobre ela, do trabalho de representação que constrói a figura do estrangeiro. Dessa forma, afirma-se que a diferença está no cerne da formação da cultura como um elemento essencial (Kaës,1989).

Atualmente, existe uma dupla situação no que diz respeito ao interesse sobre a diferença cultural: o movimento global de migração e os intercâmbios econômicos com objetivos de conquista e poder. "A distância cultural não é específica aos imigrantes, pois diz respeito às famílias hexagonais, desfavorecidas, aquelas que não participam, segundo a expressão de Bourdieu (1993), da cultura legítima, ou seja, dominante" (Dahoun, 1998, p.209). A diferença, em realidade, está em jogo nas transformações de todas as culturas (intolerância racial, étnica, religiosa etc.). Há que se considerar, além disso, o trabalho do tempo. Na vida, a necessidade de mudar nossa identidade é uma exigência a fim de nos adaptarmos!

A noção de entre-dois, de herança winnicottiana/bioniana, permite a reflexão sobre estas diferentes situações: entre duas culturas, o entre-dois relacionado ao outro / à deficiência, o entre-dois de si próprio. Na área clínica, o entre-dois (o intermediário) oferecido pelo espaço terapêutico permite uma relação na qual o sofrimento pode ser expresso, contido transformado pelo pensamento e tornado tolerável (Bion,1964). Para os imigrantes, portadores de diferentes culturas, o espaço terapêutico poderia ser esse vácuo /espaço onde o sofrimento induzido pela perda do quadro cultural de origem poderia ser elaborado e onde os novos valores do país de acolhimento poderiam ser explorados em segurança" (Dahoun,1998, p.217).

III- SOBRE A CLÍNICA

Acreditamos que, no caso em que a migração é um valor e o país anfitrião pode ser considerado o Eldorado – como no caso da imigração boliviana - a noção de intermediário pode ser reelaborada. Operar na clínica em processos migratórios requer uma redefinição do *setting*, do enquadramento/quadro. A noção de hospitalidade também nos ajuda a repensar esse processo. A flexibilidade no tempo e as oscilações linguísticas devem receber atenção especial. O analista/terapeuta deve tomar o lugar de mediador/intermediário de/nas ligações entre as representações que surgem no processo clínico. Essa mediação deve se dar referente à forma - respeitando a língua e seus significantes – e ao conteúdo – referido aos significados, restabelecendo o campo de ação/interpretação dentro do quadro.

Uma situação clínica hipotética, referida a situações concretas ocorridas em serviço de atendimento público pode ser utilizada para ilustrar o descrito acima: a família (casal e dois filhos) procura apoio psicológico devido à introversão do filho mais velho (11 anos) e às suas dificuldades de aprendizagem (escreve e lê muito mal com episódio de repetência). Após as primeiras entrevistas com o casal, observamos que existe um clima caótico envolvendo a todos: eles vêm à cidade de SP em busca de melhores condições de vida; vivem nela há cinco anos. A mulher ainda não domina a nova língua e precisa que as crianças se comuniquem, minimamente, com o mundo exterior. O marido está desiludido em relação às expectativas do que encontraria em SP e continua em situação precária, vivendo com a ajuda de compatriotas.

As queixas atribuídas à criança acabam por ser entendidas como uma consequência da sua incapacidade e da incapacidade da família para se adaptar ao processo de migração. As implicações sobre a construção da filiação ficam acentuados. A filiação implica um duplo movimento de reconhecimento: para os pais, do lugar da criança no *continuum* narcisista do qual fazem parte e, para a criança, da sua própria posição na ordem geracional, da precessão do desejo dos pais pela sua existência (Kaës, 2008). A filiação é o advento do sujeito singular, sexual e mortal, num todo geracional. Por outro lado, “a afiliação a um grupo entra em conflito com a filiação.” (Kaës, 2008, p.196). Nos processos de migração ou de exílio deparamo-nos com esse conflito: a adesão a um grupo *a fortiori* nos confronto com a herança parental.

De acordo com o relato do menino durante uma sessão:

... os meninos são estranhos, dizem palavras que eu não compreendo, e também eles não compreendem o que estou dizendo. Por isso, não falo mais... Não gosto de ler ou escrever, porque esta língua é chata... (esta fala mistura palavras em duas línguas).

O cotidiano de cada família manifesta uma certa resistência cultural pelo uso, seja de palavras ou de coisas, de maneira própria, carregando significados, ao mesmo tempo, gerais e particulares. São as metáforas e as metonímias do sistema de significação que temos à nossa disposição, na mítica origem de nossa existência. A migração afeta o cotidiano e, muitas vezes, ataca o morar. O morar da casa, o morar nômade, permitem o atravessamento de fronteiras, a mobilidade no tempo e os diversos ritmos, a cultura transmitida através dos símbolos ou das coisas.

Embora o serviço fosse gratuito, a situação econômica para essa família não permitia um tratamento com frequência regular. Inicialmente, a família concordou com a proposta de vir ao encontro uma vez por semana. No entanto, chegava tarde às sessões em várias ocasiões. O pai, envergonhado, quando interrogado pelo terapeuta sobre esse fato, desculpou-se, dizendo que o atraso se devia ao fato de as crianças caminharem muito lentamente, ou seja, a família caminhava durante quilômetros para chegar ao serviço, pois não dispunha de recursos financeiros para gastar com transporte.

Há problemas referidos à língua, que se manifestam na criança e, além disso, há problemas sociais, que exigem uma nova proposta: uma mudança do quadro/enquadramento, deve ser feita de modo a proporcionar as condições necessárias para a construção do espaço de transição, espaço intermediário necessário ao processo de transformação.

IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

As famílias de imigrantes bolivianas dirigem-se ao serviço psicológico quando há uma orientação das escolas para que o façam. Há uma demanda institucional que sustenta a busca pelo serviço. A acolhida no serviço supõe reconhecer a fronteira que liga e separa a solicitação da instituição escola e o sofrimento da família.

A família de imigrantes bolivianos sustenta-se pelos apoios, frágeis que sejam, da comunidade de origem. Os laços culturais mantem a resistência cultural necessária ao

enfrentamento do que lhe é estranho. O campo da clínica em serviços públicos com migrantes exige a construção de espaços que permitam – no âmbito da instituição de acolhida - a preservação da cultura de origem dessas famílias e do seu estatuto migratório. Espaços que permitam o trânsito entre diferentes culturas e múltiplas línguas e que sustentem a tensão entre a hospitalidade e a hostilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAHOUN, Z.K.S. « L'Entre-Deux : Une Métaphore pour Penser la Différence Culturelle ». In: Kaës et all. *Différence Culturelle et Souffrances de l'Identité*. Paris: Dunod, 1998.

FERNANDES, M.I.A. « Negatividade e Vínculo ». São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

FOUCAULT, M. « Dits et Écrits : Des espaces autres ». *Architecture, Mouvement, Continuité*, n.5, 1984.

HINOJOSA GORDONAVA A.R. « Buscando la Vida. Familias bolivianas transnacionales en España ». *CLACSO*, La Paz, 2009.

KAËS, R. « *Le Complexe Fraterne* ». Paris : Dunod, 2008.

KAËS, R. « Une Différence de Troisième Type ». In: *Différence Culturelle et Souffrances de l'Identité*, Paris : Dunod, 1998.

KAËS, R. « Pacte Dénégatif ». In : *Pouvoirs du Négatif*. Paris : Dunod, 1998.

CORREA, O. R. « La Clinique Groupal dans la Plurisubjectivité Culturelle ». In: *Différence Culturelle et Souffrances de L'Identité*. Paris : Dunod, 1998.

MASSEY, D.S. « Social Structure, household strategies, and the Cumulative Causation of Migration. Population ». *Index*, v. 56, n° 1, 1990.

MASSEY, D.S. et al. « Theories of International Migration : review and appraisal ». *Population and Development Review*, v. 19, n. 3, 1993.

MOSKOVICS, L. E CORRAL, P. « El papel de las redes migratorias en los procesos de reordenación de los flujos de bolivianos entre España y Brasil ». *Travessia, Revista do Migrante*, n.70, Ano XXV. Janeiro – junho de 2012.

PUGET, J. « État de Ménace et Psychanalyse ». In: *Violence d'État et Psychanalyse*. Paris : Dunod, 1989.